Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte..	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1088

20 de Março de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

A ABERTURA DO PARLAMENTO

S. M. El-Rei D. Manuel II sahindo do Palacio das Cortes depois de inaugurar a Segunda Sessão Legislativa de seu reinado

(Instantaneo Benoliel)

Chronica Occidental

A chronica de hoje não quer, nem por sombras, molestar os brios do nosso patriotismo, mas não pode deixar de alludir a alguns factos que muito intimamente se prendem com um assumpto, que foi sem duvida o mais palpitante de todos nos ultimos dias.

Ainda será vivo por ventura alguem que se lembre de Kionga e d'aquelle ultimatum do 11 de janeiro d'um anno tão longinquo que já nem se sabe ao certo que anno foi?

Kionga esqueceu quando ainda os crépes em que fôra involvida a estatua de Camões flutuavam em farrapos. Em menos de seis mezes, coisa curiosa! operara-se no animo dos portuguêses uma singular transformação. Nós, que tinhamos chegado a um ponto tal de desespero contra a Inglaterra que não podiamos ver um inglês nem pintado, estavamos feitos inglêses! Eramos inglêses! Queriamos morrer inglêses!

Os amigos da Inglaterra faziam da aliança inglêsa o eixo de toda a historia de Portugal — desde a conquista de Lisboa, assignando Dom Affonso Henriques o primeiro tratado. Não havia empreza nossa sem inglêses, e a honra de ser uma provincia da Inglaterra, como ficámos sendo depois do tratado de Metwen, não era pequena honra. A respeito d'esse tratado, agora, nenhum português de lei poderia deixar de condemnar a opinião de Oliveira Martins, que dissera reunir elle, á concisão epigrafica de um texto romano, a agudeza penetrante de um negociante carthaginês, ou judeu... Portugal daria fructas e vinho aos inglêses; os inglêses dariam a Portugal manufacturas e comer. Ficavamos sendo uma colonia vinicola da Inglaterra. E dizia-se agora, e escrevia-se nos jornaes, que esta era a tradição de toda a nossa historia!

Depois, em tres grandes momentos, essa aliança nos servira para mantermos a independencia: em 1383, em 1660, em 1808. E ninguem lembrava que, da primeira vez, o que os inglêses quizeram foi garantir ao Duque de Lencastre a corôa de Hespanha; e consolidar, da segunda, o seu nascente imperio da India; e bater, da terceira, Napoleão, ateando em nós a raiva de termos perdido Olivença.

A Convenção, o Comité de Salvação Publica, o Diretorio e o Sr. Guerra Junqueiro teimavam em considerar Portugal uma provincia de Inglaterra, e não estavam contentes com isso? Pois que tivessem paciencia!

E em cada manhã o *Diario de Noticias* oferecia, na sua secção de annuncios, tresentas mestras inglêsas, que se promptificavam a ensinar o inglês sem mestre em menos de quinze dias. E as livrarias reeditavam e vendiam milheiros do *Novo Methodo de Ollendorf* para aprender a lêr, escrever e falar a doce lingua inglêsa em menos de seis mezes...

As mercearias, que, por ocasião do Ultimatum, tinham retirado das barricas de margarina o letreiro de — Manteiga inglêsa, legitima, reintegravam o letreiro nas funções do seu cargo.

O Ferrari, o Pucci e o Cócó expunham nas suas vitrines apetitosos exemplares de puding inglês — traduzido.

A elegante camisaria do Augusto Ribeiro, ao Chiado, vendera numa só tarde doze duzias, uma

grosa! de colarinhos Principe de Galles, 15 centimetros de altura, que existiam na loja desde a fundação da Monarchia.

Um grupo de homens de lettras e artistas, que tinham andado atrás do deputado Eduardo Abreu na noite de 11 de janeiro, dando morras á Rainha Victoria e vivas a Camões, percorria agora as ruas da Baixa em bando precatorio, pedindo cinco tostões para uma manifestação de mesa redonda na Taberna Inglêsa.

Eduardo Costa, á Pampulha, lançava no mercado uma nova marca de bolachas denominadas — *Pic-pockets*, de delicado sabôr e perfume de baunilha.

Na lista das casas de pasto, as comidas mais vulgares recebiam nomes inglêses deploraveis: peixe frito era — *fried fish*; uma costeleta de vitela era — *a veal cutlet*; uma almondega era — *a forced meat ball!*

Os creados, se se lhes falava português, não respondiam. Para pedir um garfo, era necessario dizer:

— *Give me a fork!*

E para pedir uma colher:

— *Give me a spoon!*

A conversação familiar, a propria conversação familiar, isto a que se chama conversar cada um em sua casa, com a sua mulher e com os seus filhos, tornava-se uma verdadeira massada:

— Tem V. o meu chapeu?

— *Have you my hat?*

— Tenho o seu chapeu...

— *I have your hat.*

— Não tenho o seu chapeu, mas tenho o lapis do rapaz do seu sapateiro.

— *I have not your hat, but I have the pencil of your shoemaker's boy.*

Levados nesta impetuosa corrente da Opinião, os jornaes tinham inaugurado plebiscitos sobre as probabilidades de uma nova alliança inglêsa, e por esse meio se averiguara, se patenteara á luz do nosso bello sol, que a fina flôr, o escol, a nata da intellectualidade de Portugal votava por unanimidade que se entrasse abertamente, immediatamente, nas negociações do tratado que devesse firmar a ambicionada alliança.

Respondendo a esse plebiscito, um alto funccionario do Estado dissera: — «...Porque todos nós devemos compenetrar nos d'isto: a alliança com a Inglaterra é o clarão de uma boa esperança — a esperança de voltarmos a receber os nossos ordenados em libras!»

E um outro, um diplomata e poeta, parafraseando a *Portuguesa*, que fôra o canto de protesto inspirado pela humilhação do Ultimatum, compozera outro himno que começava assim:

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal!
Isto não é nada de novo
Entre Inglaterra e Portugal!
A's armas!
A's armas!
Sobre a terra, sobre o mar!

Os annos, decorrendo, não têm feito senão tornar mais intenso o nosso desvanecimento por tudo quanto seja pretexto de maior aproximação entre os dois paizes, e mais pronunciada identificação dos dois povos.

Estamos chegados agora, segundo tudo no-lo deixa supôr, ao momento em que a Inglaterra quer entrar com Portugal no regimen de «o que é meu é teu, o que é teu é meu.» Nós, cada vez mais desvanecidos, pômo-nos de acôrdo; e a Inglaterra diz-nos então: «Bem, uma vez que estamos de acôrdo, tanto faz começar por aqui, como por ali. Comecemos pois por Lourenço Marques.»

Segundo parece, é por Lourenço Marques que se vae começar.

João Prudencio.

A ABERTURA DO PARLAMENTO

Pela segunda vez abriu o parlamento no reinado do Senhor D. Manuel, que assistiu á sessão inaugural, que se realisou no dia 1 do corrente com a solemnidade do costume.

O dia apresentou se chuvoso, agreste, mas nem por isso a concorrencia do publico foi menor, pois é certo que se a abertura das côrtes já não desperta entusiasmos, não se póde dizer o mesmo da presença do joven monarca por quem o povo tem verdadeira simpatia, acorrendo sempre aonde elle aparece, para o saudar e aclamar calorosamente, como de facto aconteceu agora mais uma vez.

El-Rei comove-se com estas manifestações e a vaga tristeza que transparece em seu semblante, abre-se então num sorriso de agradecimento em que irradia toda a sua mocidade.

A abertura do parlamento é das ceremonias oficiaes mais aparatosa. A grande sala das sessões, construida ha poucos annos, é suficientemente decorada e de elegante arquitetura; amplamente iluminada pela cupula de vidro, que a jorros espalha a luz por toda ella, deixa bem realçar as douraduras e os estofos que a revestem. Sobre este opulento cenario, animam-se as figuras dos grandes do reino com suas fardas bordadas de ouro, seus crachas reluzentes de pedras preciosas, as fitas coloridas das bandas das ordens, os arminhos e as plumas, tudo num variado matiz de côres, vistosas, atraentes. Pelas galarias as senhoras, com seus vestuarios luxusos, de tons suaves e alegres, em que melhor sobresaem seus rostos formosos, e quando El-Rei entra na sala com o seu sequito, o quadro é completo, de efeito deslumbrante.

El-Rei senta-se na cadeira dourada do trono, destacando-se sobre o espaldar de veludo carmezim ricamente guarnecido de sanefas franjadas de ouro. A' direita do monarca perfila-se de estoque desembainhado o condestavel do reino, agora Senhor Infante D. Affonso; á esquerda o alferes-mór, sr. conde de S. Lourenço, com o estandarte desenrolado, e a seguir Sua Eminencia o Patriarca de Lisboa, com suas vestes vermelhas. Pelos degraus do trono, o mordomo mór sr. conde de Sabugosa, comandante da guarda real sr. marquês de Faial, chefe da casa militar sr. general Craveiro Lopes, etc.

Faz-se silencio, e El-Rei lê o discurso da corôa e ao terminar a leitura declara aberta a sessão legislativa que vae funcionar.

Foi longo o discurso para aqui o reproduzirmos, de resto todos os jornaes o publicaram. Muitos são os projetos que o governo se propõe apresentar ao parlamento, e seguramente não pódem ser descutidos durante a sessão legislativa, mas isso tem acontecido muita vez, e não é da indole desta revista o entrar nessas apreciações.

Apenas registamos o acto constitucional que se produziu, e damos nota do seu aspecto decorativo, o que é proprio desta revista ilustrada.

Centenario da Guerra Peninsular

Foi Silveira o mais activo e feliz dos officiaes portuguezes que dirigiram a insurreição nacional contra a invasão *Napoleonica*; a sua energia e talentos militares deram-lhe uma notavel evidencia entre os seus contemporaneos e o seu nome alcançou entre o povo a aureola dos grandes homens.

Julgamos interessará aos nossos contemporaneos o conhecimento da proclamação tão patriotica e energica dirigida pelo general Silveira aos seus — *Fieis e valorosos Transmontanos* — quando tomou posse do governo das armas d'esta provincia.

Teem as suas palavras de ardente patriota e fiel vassallo — a feição do pensar portuguez n'aquella epocha em que se prendem o odio fanatico ás idéas revolucionarias encarnadas na personagem do imperador francez, e a devoção aos principes collocados pelo *direito divino* nos respectivos thronos.

Silveira, que tivera a idéa arrojada de oppor frente a frente aos aguerridos veteranos de Soult os seus 12:000 inexperientes mas bravos recrutas, se La Romana, que lhe promettera a camaradagem dos seus 15:000 homens nas margens do Tamega, não tivesse prudente, mas cavilosamente fugido ao inevitavel choque, foi obrigado a retirar ante as massas imponentes do invasor, que entrou facilmente na desmantellada Chaves, onde deixou guarnição, tencionando fazer d'esta praça a base das suas operações em Portugal.

Soult, ao formar este plano, não contava com Silveira que, apenas retirado o grosso das tropas francezas, cercou Chaves que retomou no dia 25 de março iniciando os revezes que tão precaria tornaram a expedição confiada ao duque de Dalmacia.

Realisando-se n'este mez a commemoração centenaria d'este facto notavel, é occasião de prestarmos homenagem ao valor e civismo do illustre campeão da guerra peninsular.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, Moço Fidalgo com exercicio, Nono Senhor da Honra de S. Cypriano de Nogueira, Cavalleiro da Ordem de Christo, Brigadeiro dos Reaes Exercitos, encarregado do Governo interino da Provincia de Traz os-Montes.

Fieis e Valorosos Transmontanos

Mandado repartir os vossos perigos, e a vossa gloria, apresso-me em vos segurar, que prézo mais que tudo, a honra que d'esta tarefa me resulta, por superior que ella seja ás minhas forças, e aos meus talentos; e que as demonstrações não equivocas da satisfação com que me recebestes, lisonjeam excessivamente o meu coração, constituindo-me em nova, sagrada divida do mais constante reconhecimento e fiel gratidão.

O vosso valor, a vossa fidelidade não precisa incentivo que o levante, ou que o sustente; mas nem por isso devo omittir que o nosso Augusto Legitimo Soberano espera de vós a firmeza d'esse antigo respeitavel Throno que os vossos maiores ajudaram a erigir; sim, d'este mesmo Throno, que por impia e perfida mão derrubado com traição, e aleivosia foi por vós mesmos principiado a levantar de novo no mez de junho preterito; (época sempre memoravel! E as outras Provincias do Reino que repetiram depressa as vossas acclamações, não esperam menos esforços da vossa parte, do que estes que são proporcionados ao brioso exemplo que lhes destes, e á gloriosa lucta, cuja honrosa estrada lhes abristes.

Transmontanos! Vencer ou morrer é a brilhante alternativa que nos resta, ainda que preferissemos arrastar as vis cadêas d'esse barbaro uzurpador a sua raiva, a sua vingança não nos concederia essa mesma desgraça; acostumado a esquecer-se dos maiores beneficios, lembra-se ainda da mais justa, da minima opposição a que chama ultrage, e rebeldias, e se os mesmos fracos sacrifica á sua raiva? Como pode poupar aquelles que lhes rasgaram, como vós outros, o veu da perfidia, que tinha praticado com o *Principe Regente* Nosso Senhor, com a Nação inteira? Aquelles que se atreveram a combater, afugentar, e vencer esses vãos phantasmas do Marengo, Jenna e Austrelitz, dando aos portuguezes o signal da liberdade?

Longe de nós amados compatriotas, a persuação de que as forças do tyrano são todo poderosas, como dizem seus vís assalariados pregoeiros. Todo Poderoso é só o Deus que adoramos; e por isso bem capaz de destruir com o vosso braço, não só esses miseraveis arrancados a tristes desamparadas viuvas, arrastados entre cadêas para queimar as vossas casas, e devastar vossos campos, mas ainda todos os mais escravos que a sua perfidia, ou a fraqueza d'outros, possa ministrar-lhe.

A lucta da Peninsula, é a lucta de desesseis milhões de habitantes, sempre mais, ou menos independentes, desde que ha conquistadores no mundo; e perderemos nós esta gloriosa herança de nossos Paes?... De que nos serviria a vida ainda que o barbaro no-la concedesse? Seria viver arrastar insuportaveis grilhões; sem Altar, sem familia, que é uma parte da nossa alma; sem casa, sem pão que é o sustento da vida?... Quando entraram como amigos, foi esta a nossa sorte: qual será ella entrando como inimigos?...

Não, não, briosos Transmontanos; semelhante vida não vos serve, não é vida, e se entre vós ha um só que a prefira, saia depressa d'essas impenetraveis fileiras, que tenho a honra de commandar, e vá pedir já ao tyrano a dura algema, e a guilhotina que o espera.

Funcionarios publicos; Soldados; Paisanos de todas as classes; Transmontanos geralmente, eu vos amo, como a mim mesmo, mas nem por isso eu, ou algum de vós será superior á *L'i do Principe Regente* Nosso Senhor, ou poderá impunemente esquecer o seu dever: para todos que o merecerem, hei-de requerer, e obter o premio, mas hei-de repartir egualmente o mais severo castigo. Soldados: sem subordinação não ha victoria; os artigos de guerra serão rigorosamente observados, principalmente contra os fracos, e insubordinados. Aquelle que eu vir fugir, com a propria mão lhe arrancarei a vida que não merece; se eu fugir, fazei-me outro tanto.

Transmontanos, os Hespanhoes são nossos Irmãos; a nossa causa é commum; o *Principe Regente N. S.*, e *S. M.* Catholica Fernando VII, tanto pelo sangue como pelos interesses, são Irmãos tambem. Os soccorros de toda a especie que nos deram, sem os quaes seriamos talvez ainda escravos; a barreira que nos fazem, requer tambem a nossa mesma gratidão. Finalmente, o nosso interesse, e o nosso dever exige imperiosa-

mente, que não haja differença entre nós, nem de opinião, nem de esforços. Bisnetos dos mesmos heroes, tudo é commum, assim como é tambem a justiça da nossa causa, e o interesse da nossa independencia. Esta dupla aliança, que pode desafiar o mundo inteiro (com a justiça da causa que o Ceu não deixa de proteger), affiança a mais brilhante victoria, a ruina certa do barbaro usurpador, e a salvação da Europa. Transmontanos, Portuguezes, Hespanhoes, ás armas, ás armas!

Viva o *Principe Regente N. S.*, viva Fernando VII, morra o tyrano.

Chaves 6 de Fevereiro de 1809.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.

Vizeu, 10—3—909.

RIBEIRO ARTHUR.

O ACTOR TABORDA

Morreu! A parca não o poupou apesar delle ser um genio; mas o destino que lhe marca o implacavel fado, nem sempre triunfa. Os que vivem pelo espirito não morrem. Diz a fé que a alma vive sempre e o que mais nos deve firmar nesta crença são justamente os espiritos privilegiados, que jámais se apagam da memoria das gerações, que de tradição em tradição os vão conservando.

Taborda é um desses espiritos; seu corpo velhinho rolou para o tumulo, mas sua alma boa evolou-se para Deus, e tanto é seu brilho que lá da mansão eteria a que subiu, sua luz ainda nos alumia.

Consolemo-nos pois, que a sua memoria como a sua vida é mais um titulo honroso a enobrecer a nacionalidade portuguêsa, grande por tantos filhos geniaes que se tem afirmado nas ciencias, nas letras, nas artes, nas armas.

Não podia ser mais modesto, nem maior o genio. Taborda, simples e bom como um pastor, nunca lhe mordeu a vaidade, nunca aspirou á gloria. Evitou as apoteoses; muitas vezes se considerou aplaudido em demasia, não procurava emolações para não despertar rivalidades. Pelo contrario, foi mestre dedicado de muitos colegas seus, e se podesse repartir com elles alguma coisa do genio que com elle nascera, elle o daria, assim como dava todo o concurso do seu talento sempre que lh'o pediam para abrilhantar festas de artistas ou recitas de caridade.

Um Genio e um Bom!

Na sua longa vida defrontou-se com artistas de valor, que os houve então e poucos restam. Pois não teve entre elles um rival, mas sim amigos, admiradores, respeitadores. No teatro é caso raro se não é unico.

Vivendo ha mais de cincoenta annos num modestissimo terceiro andar do predio n.º 76 da rua dos Calafates, actualmente rua do Diario de Noticias, ali morreu na madrugada de 5 do corrente, como uma luz que se apaga, sem agonia, depois de por largo tempo ter jazido no leito, em consequencia de uma ferida num pé que não o deixava levantar.

Aquelle lar era um santuario de paz. Taborda em companhia de sua mulher, quasi tão velhinha como elle, e de uma filha já viuva que elle estremecia, conservava nelle aquelle culto da familia, que, infelizmente, hoje se vae obliterando.

Sua modestia era tão grande que só egualava seu talento, e não sei se estas linhas que estou escrevendo lhe irão perturbar a paz do somno éterno, como em vida elle não quiz que perturbassem a placidez da sua velhice com a apoteose que lhe queriam fazer.

*

D'onde veio Taborda e como apareceu no teatro?

Eu desde a minha infancia que ouvi falar delle; ouvi, mas não o vi então, que naquelles tempos, em que tanta coisa hegienica se ignorava, não se levavam creanças aos teatros. Hoje vão lá até ao colo das mães e a hegiene não se opõe, nem a fisica nem a moral...

Só quando regressei do Brasil, por 1860, é que tive a dita de vêr Taborda. Eu tinha então os meus desasete annos e alguma frequencia de teatros, especialmente do de S. Januario, proximo ao Caes de Pharaux no Rio de Janeiro, e ali via representar o *Pedro Cem*, a *Inez de Castro*, os *Dois Renegados*, etc, pelo Florindo, empresario, e seus companheiros, em grandes gestos declamatorios, ora pateticos ora arrogantes, que era de levar coiro e cabelos, que se punham em pé e arripiava as carnes.

Era a escola declamatoria da tragedia e do dramalhão.

Qual não foi o meu espanto quando pela primeira vez vi Taborda na popular cena comica *O Vinho Novo*, com que então se celebrava o renascimento da vinha em Portugal, destruida pelo filoxera havia uns seis annos.

Não sei se o que mais se festejava era o vinho novo se o Taborda. Por mim creio que seria o Taborda, tal entusiasmo elle despertava no publico, e em mim a admiração e o espanto, por vêr com tanta simplicidade de meios dominar uma plateia que se perdia a rir sem medida.

O Florindo baixou logo no meu conceito e principiei a compreender que a arte de representar devia ser a de Taborda, que sem esforço, naturalmente, feria a nota comica e a fazia sentir ao publico que, por sua parte, tambem sem esforço e muito naturalmente a recebia despertando-lhe a ilaridade.

Como estudara Taborda? De quem recebeu lições? De Emilio Doux, que lhe dissera elle não servir nem para trazer uma carta á cena? aprendera alguma coisa em Paris quando ali foi por 1850 subcidiado pelo rei D. Fernando? Mas o teatro francês estava ainda em pouco mais da escola declamatoria.

E' que Taborda trazia em si o genio da reforma por que havia de passar o teatro; nascera para a evolução que se havia de operar nas artes e a de representar tinha de obedecer á mesma corrente.

Taborda foi entre nós o percursor dessa reforma. Elle foi o primeiro que com a maxima simplicidade principiou a comover naturalmente as plateias, quer fazendo as chorar, quer fazendo-as rir, que é esse o condão do verdadeiro comediante.

O que outros artistas só alcançam com grande esforço de estudo e trabalho, elle conseguia-o facilmente, mercê de seu talento, mais do que isso, como um predestinado para a cena.

Donde veio Taborda e como apareceu no teatro? Vamos vêr.

*

Francisco Alves da Silva Taborda — assim era seu nome — veio de Abrantes, onde nascera a 8 de janeiro de 1824.

Lisboa sorria-lhe lá da sua terra natal como ainda hoje sorri a todo o bom provinciano, e na capital esperava encontrar modo de vida. De facto encontrou-o na tipografia de um tal Mota, estabelecida no Rocio, em um primeiro andar por cima da antiga loja de cambista o *Pão Quente*, e da tendinha do *Consciencia* (1), onde hoje é a tabacaria Monaco. O principal trabalho desta tipografia era os raros cartazes de teatros e dos toiros, sendo o Mota, ao que parece, muito afeiçoado a estes divertimentos e tanto que até mandou construir, na antiga travessa do Secretario de guerra, hoje rua Nova da Trindade, um barracão, como os de feira, para espetaculos de cavalinhos, arlequins e bailarinas. Esse barracão deu origem a um teatrinho que o mesmo Mota mandou construir no seu logar, de sociedade com Manuel Machado, antigo fiscal do teatro de S. Carlos, que ainda conheci com as suas grandes barbas brancas, muito parecido com o falecido marquês de Ficalho.

Inaugurou-se o teatrinho, a que deram o nome de Gimnasio, em a noite de 17 de maio de 1846, com uma companhia de que fazia parte Taborda, para isso contratado pelo Mota, que o vira representar como curioso em um teatrinho particular, á rua do Arco de S. Mamede.

Assim Taborda aparecia em publico no teatro que, como elle, nascia tambem para a arte.

O novel actor estreiava-se num melodrama de Cesar Perini de Luca, intitulado *Os fabricantes de moeda falsa*, mas verdadeira era a de Taborda que deu logo que falar de si, e o generoso empresario Mota lhe pagou duas moedas por mez — 9$600 réis — o que para o aprendiz de tipografo era uma verdadeira mina.

A revolução da Maria da Fonte fez com que o novo teatro fechasse a breve trecho. Pouco depois abriu, formando os mesmos artistas da companhia sociedade e, tomando para ensaiador a Emilio Doux, exploraram um genero novo em Portugal, o *vaudeville*, que agradou (2).

(1) A tendinha do *Consciencia* era assim chamada por ser a unica casa em que o dono tinha sempre moedas de real para dar demasia aos freguezes nas contas de quebrados inferiores a 5 réis.

(2) Esta e outras notas sobre o teatro do Gimnasio, encontram-se no *Dicionario do Teatro Português*, por Sousa Bastos.

Taborda amoldava-se a todos os generos, e querendo os seus colegas experimentar a opereta, que a isso os induziu o maestro Miró, Emilio Doux não concordou e despediu-se de ensaiador.

Os actores não desanimaram e foram por deante com seu intento, pondo em cena a opereta de Miró *A Marquêsa*, que teve extraordinario exito, seguindo se o *Conselho dos Dez* e depois *A velhice namorada sempre leva surriada*, tambem de Miró, sendo nesta ultima que Taborda mais afirmou seus grandes recursos comicos, copiando para o seu papel de Simplicio da Paixão um tipico e conhecido fiel de feitos da Boa Hora.

TEATRO DO GIMNASIO

Taborda acompanhou o teatro do Gimnasio em todas as transformações e vicissitudes por que passou e até chegou a tomar conta da gerencia da empresa, que foi das mais honradas que ali passaram.

Em 1904, quando José Joaquim Pinto deixou o teatro do Gimnasio, em que foi empresario durante 27 annos, não o fez sem prestar a Taborda uma justa homenagem, mandando colocar no salão uma lapide em que se lê:

A
FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA
COMMEMORANDO A SUA ESTREIA NESTE THEATRO
EM 17 DE MAIO DE 1846
HOMENAGEM DO SEU AMIGO
JOSÉ JOAQUIM PINTO
17—5—1904

Foi o teatro das suas glorias onde fez o seu vasto repertorio, e se por algumas temporadas o deixou por circunstancias, para se escriturar em D. Maria e na Trindade, o geito sempre o puchava para o seu querido Gimnasio, que era irmão gemeo com elle na arte.

Entretanto, Taborda em toda a parte que aparecia, empolgava os espétadores.

Percorreu quasi todos os teatros de Portugal e por toda a parte seu talento era admirado. Foi ao Brasil e recebeu os mesmos aplausos que sempre o acolheram.

No Rio de Janeiro passou-se uma cena com Taborda que o sensibilisou fundamente.

Era a noite da sua apresentação ao publico fluminense, e o teatro encheu-se para verem o laureado artista que foi delirantemente aplaudido. Num dos intervalos, muitos dos espétadores, jornalistas, artistas, etc., invadiram o palco para cumprimentar Taborda, quando um pobre velho encanecido, delle se acercou e de joelhos, beijando-lhe as mãos, disse:

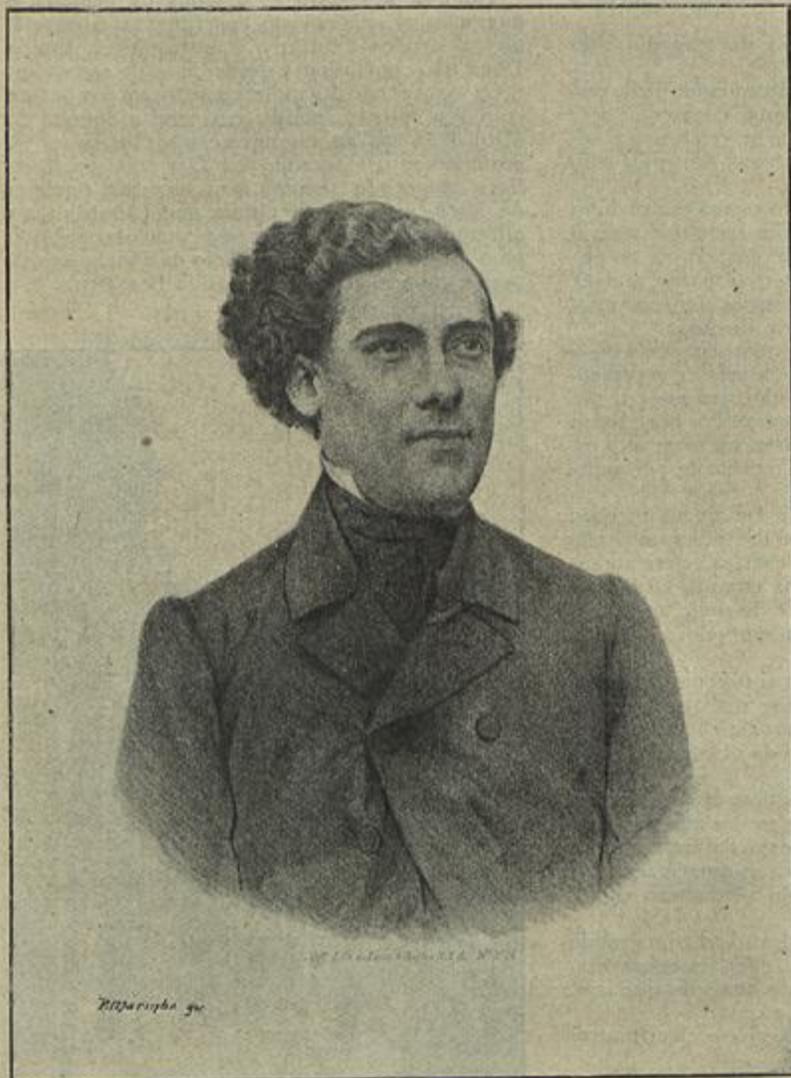
— Perdão! Fui muito injusto para com o senhor.

— Mas eu não o conheço!

— Sou Emilio Doux. Venho pedir-lhe perdão do mau juizo que fiz de si. O senhor é um Genio.

E ambos choraram.

Taborda podia representar em todo o mundo,

Morte do actor Taborda

TABORDA AOS 30 ANNOS *(reproducção de uma litografia da epoca)*

TABORDA AOS 80 ANNOS *(cliché da Fotografia Paris)*

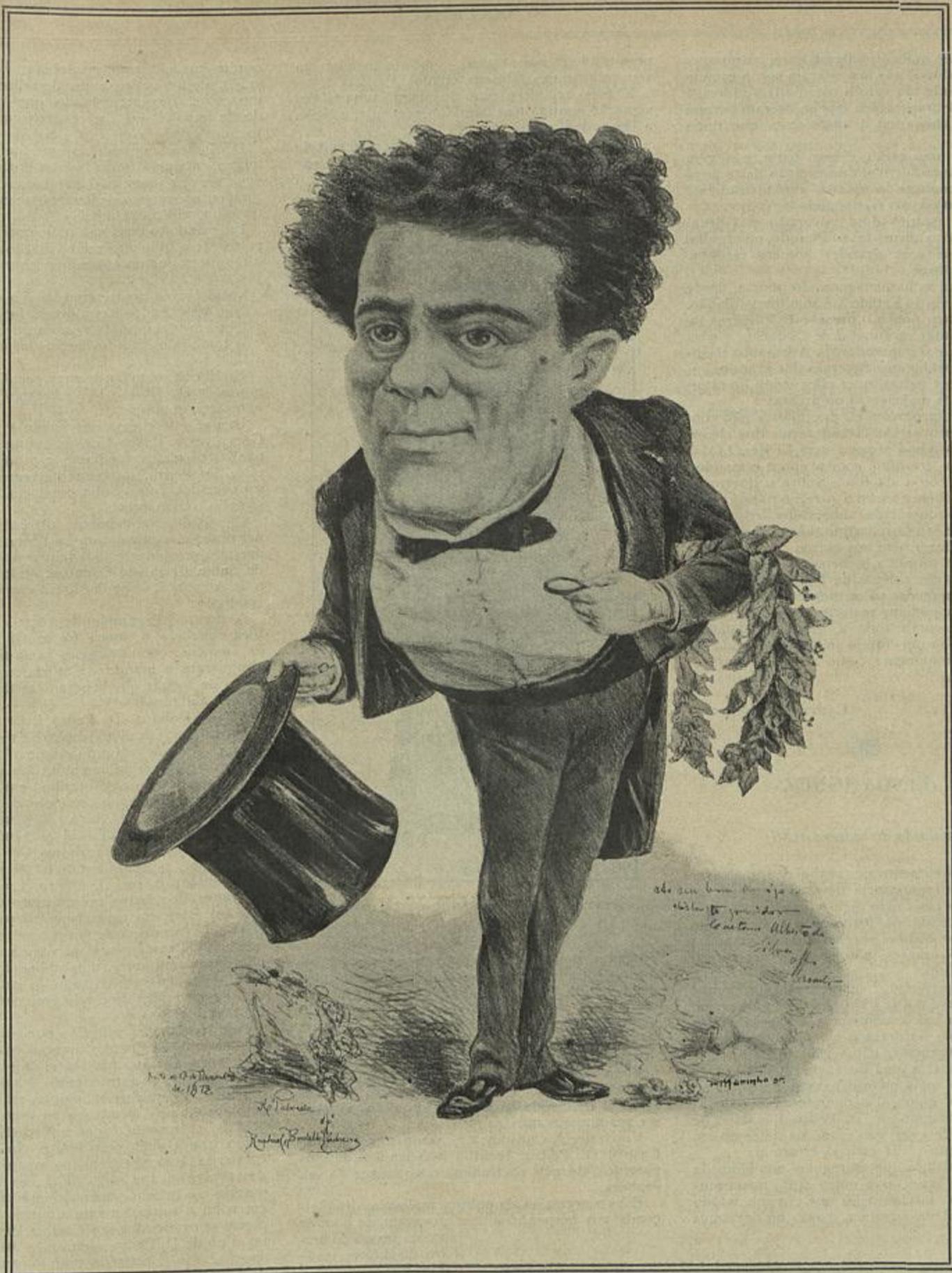
como representou em Madrid, porque se a sua lingua não era entendida em toda a parte, os seus olhos e o seu jogo fisionomico dizia tudo que a lingua, por ventura, não deixaria perceber. E' este tambem um dos predicados do verdadeiro comico, e Taborda possuia-o como ninguem.

Se elle em França representasse o seu *Esganarelo* do *Medico á Força*, creio bem que nos palcos dos teatros de Paris o grande Molier não teria tido uma interpretação mais genial da sua creação, como de resto a não teve em parte alguma. E o que elle era na comedia era-o no drama, ferindo sempre a nota sentimental sem artificio ou esforço conhecido. Aquelle tipo do Reitor das *Pupilas* cativando pela simplicidade e pela bondade de um bom velho, fazia marejar as lagrimas nos olhos dos espétadores.

Nas cenas comicas era unico, desde o *José do Capote*, *As boas razões*, todo esse repertorio de ilaridade, até ao *Amor pelos cabellos*, em que o jogo fisionomico excedia tudo que possa imaginar-se, a enormidade do seu talento despendia a prodigamente num filão inexgotavel.

A geração de hoje pouco o viu já, e por isso não poude apreciar todo o valor daquelle genio, que entre nós nenhum outro egualou e que raros aparecem no mundo.

O FUNERAL — ACTRISES, ACTORES E EMPRESARIOS NO FUNERAL DE TABORDA

(Instantaneos de A. Lima)

TABORDA pelo grande caricaturista Rafael Bordallo Pinheiro, em 1873

O jogo fisionomico de Taborda

Aquelles que mais o poderam apreciar no apogeu da sua gloria, uns precederam-no no tumulo e outros estarão tão velhos como elle o estava, e por isso as demonstrações que se fizeram por sua morte, não chegaram á apoteóse a que tinha direito.

Se esta é uma razão, é bem triste, e só vem confirmar o estado frivolo do espirito deste povo que não reconhece o que é verdadeiramente grande e honra a sua nacionalidade.

Quando o espirito dum povo não está decadente, esse povo afirma-se, sobre tudo, no orgulho que tem pelos seus grandes homens reconhecendo-lhe o valor.

Então, todas as homenagens são poucas, desde os altos poderes do Estado até ao ultimo cidadão.

Ainda ha bem pouco o presidente Fallières fazia se representar no funeral de Coquelin, e o rei de Inglaterra e o imperador da Allemanha teem-se feito representar nos funeraes dos grandes homens dos seus paizes, quer elles sejam literatos, poetas, homens de sciencia ou artistas.

Entre nós o protocolo ou pragmatica não consente essas provas de consideração dos chefes de Estado, o que é arcaico, mas El Rei D. Manuel procurou transigir com a epoca e mandou colocar uma corôa de flôres sobre o feretro de Taborda. Fez bem e assim o governo tivesse mandado fazer o funeral do venerando artista, que morreu pobre tendo repartido tantas riquezas do seu talento a fazer bem aos outros.

Essa seria a primeira homenagem oficial; a segunda seria a dos colegas de Taborda em lhe engrandecer a apoteóse pelos meios ao seu alcance, que melhor a podiam realisar, e o publico comprehendendo então toda a grandeza daquelle morto, far lhe-ia um cortejo até á ultima jazida tão numeroso e imponente como a uma irreparavel perda nacional.

Caetano Alberto.

A «LINDA IGNEZ»

(Concluido do numero 1086)

No longo documento que acabei de transcrever nota-se uma circumstancia deveras digna de reparo, e é, nem mais nem menos, o haver só Estevão Lobato retido na memoria o dia certo do casamento clandestino, varrido aliás da memoria dos demais figurantes, não obstante ser consagrado e festejado.

Houve esquecimento? houve confusão? houve equivoco? houve má fé? Deslindar o caso curioso e lograr assim a boa assonancia de coisas que se afiguram pouco naturaes e a molhor interpretação das divergencias, não seria commettimento de exito provavel a uma distancia repetidas vezes secular, tanto mais quanto para se acreditar na authenticidade esponsal a que me reporto depara-se no testamento de D. Pedro I, datado de 17 de janeiro de 1367, isto é um dia antes do seu passamento, esta vérba concisa e formal:

«Item mandamos que entreguem aos filhos da Infanta Dona Ignez, que outro si foi nossa mulher a quintaa de Cansdello que era sua, e todo aquello, que della ouvemos, como no deviamos pera o darem por sa alma, como ella mandou em seu testamento.» *(Provas,* citadas).

E' licito repudiar como de falsario, uma tal designação contida na clausula precedente, relativa a Ignez de Castro?

«Cependant *(Histoire de Portugal depuis sa séparation de la Castille jusqu'a nos jours* par Henri Schæfer — Traduit de l'allemand par Henri

Estatua tumular de D. Ignez de castro

Soulange Bodin) nous ne pouvons nous empêcher d'avoir foi aux paroles de celui qui avait dû garder les faits bien gravés dans son cœur, lorsque surtout six ans plus tard il les répéta sur son lit de mort à l'heure où les illusions se dissipent, où la verité réclame ses droits imprescriptibles. Pedro dans son testament, la veille de sa mort, nomma l'infante Inès son éponse. Là, près du cercueil qui devait recevoir son cadavre le lendemain, il renouvela la déclaration qu'il avait jurée six ans auparavant.»

Viuvo de D. Constança e casado com Ignez de Castro, D. Pedro, recusou acceder aos desejos paternos, de que contrahisse novo enlace da sua esphera.

E as suggestões da politica malevola, desaffeiçoada aos hespanhoes, que gosavam de bom ar junto da pessoa do herdeiro do thrôno, instigaram por tal modo o animo azedo de D. Affonso IV que, d'ahi derivou como funesta consequencia o nefando crime perpetrado com dura frieza, aos 7 de janeiro de 1355, por Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho.

Tumulo de D. Ignez de Castro

Um outro foi accusado como participante no delicto de assassinio com ferro da «linda Ignez», Diogo Lopes Pacheco, ácerca de quem o erudito Viale *(Novo Epitome da Historia de Portugal)* deixou a seguinte nota interessante:

«Vulgarmente se faz menção de Diogo Lopes Pacheco, como cumplice de tão aleivoso trama. E' certo porém que elle procurou obstar-lhe, e o mesmo sr. D. Pedro pouco antes de fallecer o declarou innocente, recommendando que o revocassem do desterro, e que lhe restituissem os bens confiscados.»

D. Pedro, que era ausente de Coimbra, no tempo em que a ferocidade sanguisedenta se cevava no seu idolo, mal teve noticia do occorrido rompeu no excesso de levantar-se em guerra contra o proprio progenitor!

Intervindo todavia sua mãe, operou-se por fim entre pae e filho uma reconciliação que poz termo a tão inutil quanto calamitosa contenda.

«Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.»

No dia 28 de maio de 1357, recolhia Pedro, por morte de D. Affonso IV, a herança do poder e a livre acção politica.

Deu-se elle préssa em haver ás mãos Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, refugiados em Hespanha, os quaes, mediante tratado o rei de Castella, D Pedro, tambem lhe entregou, e fôram suppliciados com sanha cruel em Santarem, assistindo o monarcha.

Depois de solemnemente affirmar e jurar o seu matrimonio legitimo com D. Ignez de Castro, ordenou a trasladação dos seus restos do mosteiro de Santa Clara, de Coimbra, onde jaziam, para o de Alcobaça, onde lhe fizera erguer um tumulo condigno.

A pompa de similhante cortejo funebre não fôra egualada e nunca foi excedida: duas filas de homens, com brandões accêsos, honraram e allumiaram o ataúde da morta, no extenso percurso de leguas que separam as duas antiquissimas localidades!

Para Alcobaça, D. Pedro I, fallecido na villa de Extremoz, em 18 de janeiro de 1367, foi, egualmente, a dormir o somno eterno.

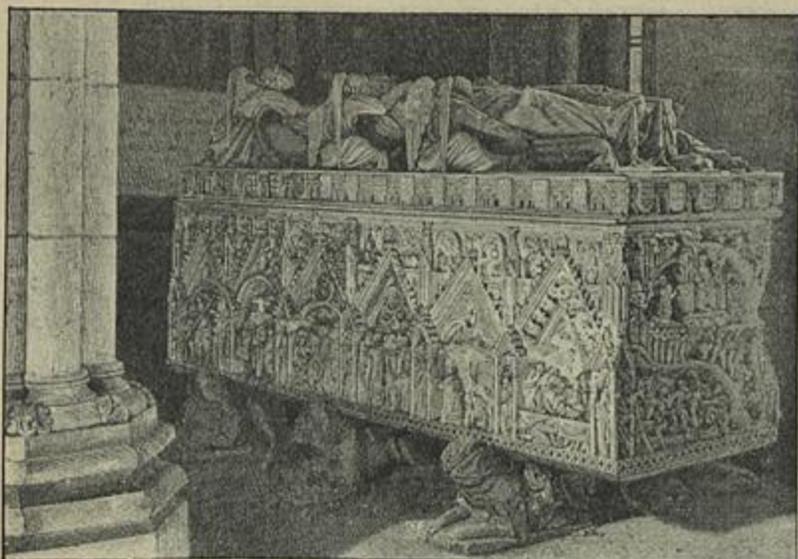
Dos recintos e moimentos que abrigaram os cadaveres dos dois, se occupou em data recente, com mão de mestre, o professor de desenho João Ribeiro Christino da Silva *(Elementos de Historia da Arte — Vol. II — Arte Medieval)* na seguinte bella pagina elucidativa.

«As mais perfeitas estatuas são porém as que representam o rei D. Pedro I e a desditosa. D. Ignez de Castro no mosteiro de Alcobaça; existem estas, na capella que dá para o lado direito do cruzeiro já anteriormente mencionado e que contém egualmente sarcófagos de outros reis affonsinos e infantes, notando-se n'estes a ornamentação *modejar;* os tumulos com as estatuas são dois primôres do estylo gothico florido, feitos em marmore branco.

Seis rendilhados ediculos por cada lado maior dos sarcófagos, contém diversas composições sacras em relevo, tirados dos assumptos da Paixão e do martyrio de outros santos, como o de S. Bartholomeu, de quem o monarcha era devoto, e um assumpto que é bem caracteristico da ferêza da epocha, representa Judas enforcado, a quem um diabo tira a alma pelo ventre com um ferro recurvo; na face correspondente aos pés de D. Ignez, desenvolve-se um *Juizo final* com o Ceu, o Purgatorio e o Inferno, ingenuamente representados; em volta e superiormente a outras estatuêtas repetem-se os escudos dos Castros, com seis arruéllas e no de D. Pedro vêem-se as armas reaes da epocha: sob o primeiro tumulo como sustentando-o estão seis vultos de animaes com rostos humanos, como esphinges e seis leões de fauces abertas supportam o sarcófago do rei.

As estatuas jacentes estão rodeadas de anjos ajoelhados, uns segurando-as, outros incesando-as com turibulos; a estatua da que, *depois de morta foi rainha,* tem bellissimas véstes, uma especie de habito cinge-lhe o busto que floreados botões apertam; na cabeça e no pescoço tem um escapulario deixando só a descoberto um delicado rosto; um largo manto de bem estudadas pregas a envolve até meio, descobrindo-lhe os braços encostados ao corpo, n'uma das mãos sustenta as luvas e segura com a outra um rozario, que lhe desce do collo; a cabeça coroada, descança em almofadas e aos pés aninha se um pequeno galgo.

A estatua de D. Pedro representado com longas barbas e cabello comprido ostentando a corôa real, está admiravelmente envolta n'um manto, collocado á maneira de toga romana; tem a mão direita no punho da curta espada segurando a bainha na esquerda; descançam-lhe os pés n'um cão grande, deitado e de cabeça alta como guardando.

São os dois preciosos tumulos a maravilha do grandioso mosteiro, e de notavel valor artistico

as esculpturas feitas ao começo do seculo XIV as quaes são muito superiores como arte a outras identicas produzidas para o fim d'esse seculo e começo do seguinte, o que se póde avaliar comparando-as com as estatuas jacentes dos tumulos reaes da Batalha, pelo que parece terem sido feitos no estrangeiro, ou por artistas de lá contractados, os marmóres tumulos de Alcobaça.»

Assim talhou derradeira morada terrena para si e para Ignez, o homem de quem asseverou um estudioso e infatigavel escriptor, com ingratidão olvidado, João Felix Pereira *(Historia da Edade Média)*:

«Quando se vestia, amiudadas vezes recommendava, a seus guarda roupas, que não o apertassem muito, pois queria ter os braços e mãos bem desembaraçados, para, amplamente, recompensar os que tivessem merecimentos.»

1 de dezembro de 1908.

D. Francisco de Noronha

Os teus beijos

(Canção)

Nunca eu soubera estas coisas
Que o amor vae ensinando!
Teus labios teem a culpa
Dizendo-as, depois... beijando.

Fez Deus os beijos tão doces
Só p'ra nossa tentação;
Quem os provou uma vez
Não se esquece d'elles, não.

Egual ao primeiro beijo
Não ha no mundo epopeia;
Pois é o primeiro élo
De interminavel cadeia.

Talvez me não acredites
Ou julgues illusão minha
Mas prefiro esses teus beijos
Aos beijos d'uma rainha.

Se me fallece o vigor
N'estas agruras da vida,
Nos beijos do teu amor
Vou encontrar a guarida.

Tambem, se um dia, contente,
Julgo não ter mais desejos,
Entristeço de repente,
Saudoso dos teus beijos.

São-me o doce condimento
Na tristeza e na alegria;
—Soffro, são medicamento;
—Goso, e são-me a luz do dia.

A tudo o mais os prefiro;
E só o que peço a Deus
E' que o ultimo suspiro
Vá cair nos labios teus.

(Do livro inedito *Auroras*.)

José Boavida Portugal.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1087)

— Todos vos tendes portado como verdadeiros marinheiros, — comecei — sem pronunciardes palavra durante a viagem, que não fosse acertada.

Enchi os copos e depois de bebermos, porsegui:

— Agora quero-lhes falar com franqueza. Para encurtar palavras, lhes direi que viemos ao Pacifico, porque a minha senhora Ruth Bellenden assim m'o ordenou. Supponho que sabeis isto d'esde que saímos de Southampton.

Mr. Jacob fingiu-se surprehendido e Peter, sempre risonho e franco, levantou o copo e brindou á saude de miss Ruth.

— Que Deus a guarde, — disse elle com enthusiasmo, — e que chegue depressa o dia em que a tenhâmos outra vez a bordo. Só o nosso capitão seria capaz de vir por ella.

— Não é já Ruth Bellenden, mas sim a esposa de um cavalheiro, cujo nome é tão arrevezado que não o posso pronunciar — observou Jacob. Interrompeu-se por um momento e continuou depois. — Pois capitão, surprehende-me muito, mas muito... O matrimonio é um mar mais tenebroso, que o Cabo das Tormentas, e vêem-se n'elle coisas bem raras... Mas francamente não esperava isto.

Eu já sabia ser aquella a maneira particular de Jacob dizer o que sentia, e por isso não fiz caso, e continuei a minha narrativa:

— Havia-lh'o promettido no dia da bôda. Dez mil libras foram depositadas na mão do seu banqueiro com este fim: «Meu marido tem idéas extraordinarias... Pode succeder que alguma d'ellas não seja do meu agrado, — me disse ella. — Se o seu yacht não estiver na ilha quando eu desejar voltar á Europa, mandar-lhe-hei aviso para me pôr ali um barco ás minhas ordens. Em si confio, Jasper Begg, sairá para o archipelago de Ken, dôze mezes depois de eu partir d'aqui, isto é, de hoje a dôze mezes, procurar-me-ha em minha casa, como fazia em outro tempo, para receber as minhas ordens. Talvez lhe diga para voltar a Inglaterra, e talvez tambem succeda que me dê na venêta ter um navio á minha disposição, como quando tinha o meu yacht. Quem sabe?! Estou completamente só no mundo, — voltou ella sorrindo, — e ainda que meu irmão viva, o Oceano Pacifico está muito longe de Londres... muito longe!»

«Amanhã, assim que rompa o dia, iremos a terra para vermos Madame Czerny, que é como devo chamar a miss Ruth. Se me disser que «volte para Inglaterra,» muito bem; a Inglaterra voltaremos com os nossos soldos ganhos e boas gratificações no bolso. Mas se nos mandar «que fiquemos» não ha ninguem a bordo capaz de recusar esta ordem, visto que está casada com um estrangeiro, que se não parece nada com um inglez, e pode necessitar dos nossos serviços».

— Nem tampouco se parece com um irlandez, — exclamou Peter Bligh cuja mãe era de Dublin mas o pai era umas vezes d'uma commarca e outras de outra, conforme convinha a Peter.

— Edmundo Czerny! Um hungaro! — continuei, — que tocava violino de um modo assombroso. Como teve a extravagante idéa de vir passar a lua de mel á ilha de Ken, é coisa que só Deus pode explicar. Dizem que esteve muitos annos na America. Eu não sei nada a respeito d'elle, senão, que tem uma voz tão attrahente, que é capaz de enfeitiçar qualquer mulher bonita, e por mais esperta que seja. Ruth não tinha mais que vinte e três annos quando se casou com elle, Mr. Jacob.

— Já tinha idade para saber o que fazia, — contestou o velho marinheiro. — Mas se Ruth necessita de algum amigo que a defenda, estou seguro de que encontrará a bordo d'este barco, não um amigo, mas vinte seis, que é quantos temos a bordo, sem contar com o bicho da cosinha e o cão, que tambem está por ali com alguma coragem.

— Mestre Jacob tem razão, — voltou Peter Bligh, — mas para tratar com mulheres, ainda tem de aprender muito.

— Pela minha parte, — observei eu, — não me admirava nada, que o marido de Ruth nos recebesse mal ámanhã, e nos mandasse retirar logo. Mas o mar é livre e largo bastante para todos nos mexermos á vontade. O dia de ámanhã nos dirá o que temos a fazer. Vamos comer qualquer coisa e depois dormir. Necessitamos ter forças e a cabeça desembaraçada, para quando nascer o sol.

Concordaram todos com o que eu dizia, e sem mais discutir, foi cada um á sua obrigação, emquanto eu, dirigindo-me para a coberta, perguntei ao official do quarto se havia alguma novidade.

Tinha escurecido por completo e só a ilha se achava ainda visivel. A fogueira ao longe illuminava o mar com uma luz branca que quasi cegava. Perguntei ao vigia se tinha visto algum barco navegando em direcção a terra ou se haviam feito signaes, e elle respondeu-me que nada se tinha passado de anormal.

— Creio, capitão, que ámanhã encontraremos o porto desembaraçado do lado de lá dos rochedos.

— Pela manhã saberemos isso, — disse-lhe. — Vae cear que eu tomo conta do quarto.

Assim fez, e eu fiquei só, sobre a ponte.

O vento havia abrandado um pouco. Puz-me então a contemplar aquella luz, como se fosse a luz da janella d'uma habitação, onde me esperasse a mulher amada.

(Continúa.)

Ricardo de Souza.

NECROLOGIA

Ferreira Lobo

Prosegue, infelizmente, a lista dos mortos ilustres que este inverno tem acumulado impiedosamente, e não se despede sem que mais a vá avolumando.

Agora é o conselheiro Ferreira Lobo que paga o irremissivel tributo, depois de alguns dias de cruciante sofrimento, com uma peneumonia dupla, entre a vida e a morte que por fim o prostrou.

Foi grande a perda. Ferreira Lobo era acima de tudo um homem de bem, no verdadeiro significado da palavra, esmaltando esta qualidade, que se refletia em todos os actos da sua vida, com uma intelligencia clara, um grande amor civico no cumprimento de seus deveres oficiaes de que era, talvez, um raro exemplar nestes tempos que vão correndo.

Nelle se perdeu o funcionario publico modelo, o escritor consciencioso, corréto e sensato, o cidadão prestante e patriota.

José Joaquim Ferreira Lobo, era filho do falecido visconde de S. Bartolomeu, e nasceu em Lisboa a 30 de outubro de 1837.

Encetou a sua carreira de funcionario publico aos 23 annos de edade, entrando como amanuense no Tribunal de Contas, e por concursos foi sempre ascendendo aos logares superiores até chegar ao de diretor geral, em que fôra investido ha mais de dez annos, com raro acatamento da justiça e grande proveito para os serviços publicos da sua repartição.

Além da carta de conselho, que competia ao cargo de diretor geral e varias condecorações que bem lhe assentavam, muitas portarias de louvor distinguiram o inteligente e zeloso funcionario, com inteira justiça, pois Ferreira Lobo não só estava perfeitamente orientado sobre todos os processos que corriam pela repartição, como era sempre ouvido nas decisões e acatado o seu parecer, sempre justo e como conhecedor de toda a legislação.

Escrupulosamente cumpridor de seus deveres, era o primeiro a dar exemplos a seus subordinados na assiduidade e zelo pelos serviços publicos, sem exigencias mal cabidas ou injustiças, mas sempre delicado e consciencioso, que outro não era seu caracter, conquistando assim o respeito e a amisade de todos os superiores ou subordinados.

Placido, sereno, era assim no trato, como em seus escritos repassados de bom senso e finura, de uma fórma corrétissima, revelando fundos conhecimentos de administração e fazenda, como se póde apreciar nos trabalhos que publicou sob os titulos *Confissões dos ministros da fazenda*, em que fez a critica de relatorios de ministros sobre assuntos fazendarios em diversos annos; *Instrução historica dos serviços do ministerio da fazenda*; *Annotações ao regimento do Tribunal de Contas*.

Ainda sobre assuntos fazendarios são muito apreciaveis os seus artigos editoriaes pelo bom criterio e independencia, que ha mais de vinte annos vinha publicando no *Comercio do Porto*, que ali apareciam firmados por um simples F. L.

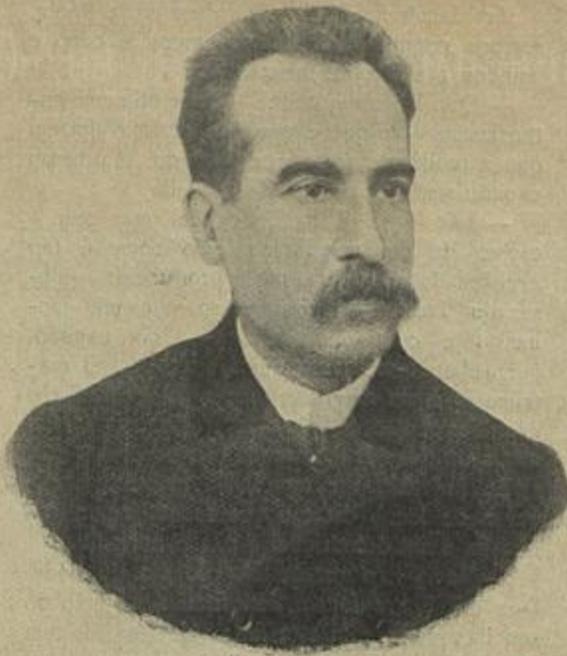
E' de grande valia o seu livro *Palavras de D. Pedro V*, obra que raro se encontra, por estar esgotada nos livreiros.

Em jornaes e revistas colaborou tambem, e o OCCIDENTE teve a honra por vezes de inserir seus escritos.

Com tão manifesto saber e competencia, foi escolhido para varias comissões de serviço publico, taes como: comissão permanente de contabilidade publica, da reforma de fazenda do ultramar, junta geral do districto de Lisboa, escolar do mesmo concelho e por fim a de fiscal do governo junto da Camara Municipal.

Prestou seu concurso a muitas associações e sociedades, de algumas das quaes foi fundador, e de que mencionaremos Monte-pio Nacional para Pensões, Sociedade Promotora de Creches, Sociedade do Jardim Zoologico e de Aclimação de Lisboa, etc.

CONSELHEIRO FERREIRA LOBO

Socio da Academia Real das Ciencias, da Sociedade de Geografia e da Associação de Jornalistas e Homens de Letras, de que era agora presidente, e a quem prestou valiosos serviços.

Por muitas vezes a sua palavra eloquente se fez ouvir em sessões solemnes para que era convidado, e a que não negava seu concurso, e por vezes o ouvimos no Asilo de Santo Antonio, enaltecendo os serviços daquella simpatica instituição fundada por Luis Moutinho, e em que Ferreira Lobo com carinhosas palavras de incitamento se dirigia ás creanças, fazendo-lhe entrega dos premios que estas mereciam por sua aplicação ao estudo.

O mesmo sucedia no Asilo da Ajuda.

O conselheiro Ferreira Lobo, faleceu, na sua casa da rua de S. Bartolomeu n.º 4, na manhan de 26 de fevereiro.

O pesar que sua morte causou bem se poude avaliar pela extraordinaria concorrencia a seu funeral, que muitos foram os amigos que o acompanharam á ultima jazida, porque muitas eram as simpatias e respeito que o ilustre morto soubera conquistar.

A sua familia os nossos pesames, ainda que um pouco tardios, por mais cedo lhe não termos podido prestar esta homenagem.

Aviso

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes um suplemento retracto do actor TABORDA.

O preço d'este suplemento avulso é de 100 réis e com o numero correspondente 200 réis.

Suplemento ao n.º 1088 do «OCCIDENTE»

20 de março de 1909

F. Taborda

(De uma fotografia de Arnaldo da Fonseca)